CICLOS DE PALESTRAS PARA COORDENADOR PEDAGÓGICO 2019

Denise Regina da Costa Aguiar

SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

Aula de Hoje

LIVROS

60 FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 19, n. 41, set./dez. 2008.

61 FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

64 GATTI, Bernardete A. O professor e a avaliação em sala de aula. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 27, jan./ jun. 2003.

65 LACERDA, C. B.; ALBRES, N. A.; DRAGO, S. L. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. Educação e Pesquisa: revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, n. 39, p. 65-80, 2013.

69 OLIVEIRA, A. A. S.; FONSECA, K. A.; REIS, M. R. Formação de professores e práticas educacionais inclusivas. Curitiba: CRV, 2018. Cap. 1 e 4.

72 SILVA, J. L.; Pereira, P. C. (Org.) Educação de jovens e adultos: reflexões a partir da prática. Rio de Janeiro: Wak

SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

Livro: OLIVEIRA, A. A. S.; FONSECA, K. A.; REIS, M. R. Formação de professores e práticas educacionais inclusivas. Curitiba: CRV, 2018.

Capítulo 1

Os desafios para a constituição de uma escola inclusiva: em cena a formação de professores.

Anna Augusta Sampaio de Oliveira
Jáima Pinheiro de Oliveira

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

Educação Inclusiva

- Transitoriedade e Provisoriedade;
- Perspectiva Inclusiva;
- Formação de Professores Inicial e Continuada.
- Atribuições no campo das políticas educacionais para a Educação Inclusiva;
- Há uma saturação no discurso e nas ações sobre a preparação da escola e dos professores;
- Escola precisa exercer seu papel emancipador ao longo da formação humana.

- “ É descobrir que não é simplesmente no campo das ideias que se travam as grandes lutas, mas também na práxis. Para tanto é preciso tolerar a ambiguidade, a transitoriedade, a insegurança, a solidão. É saber-se construtor na provisoriedade e no possível.” (PIMENTEL)

- “ Não há um único jeito de fazer as coisas.[...]
  Num mundo em transição, na crise do paradigma das certezas absolutas, na emergência do novo não há realmente, um único jeito de fazer as coisas” (PIMENTEL)

A escola e seu contexto formativo: professor em movimento

- Negamos a escola atual, por isso precisamos afirmá-la como escola inclusiva. É na contradição e na negação que podemos repensar a escola.
- A escola é um ambiente formativo para todos, professores, escolares, gestores, servidores ou familiares.
- Romper com a ideia padronizada de aprendizagem, professor precisa ensinar bem, com formas mais ousadas e diferenciadas.
- Os caminhos para aprender devem ser múltiplos, a fim de se atender a multiplicidade de necessidades presentes nas histórias de cada um.

- Professor encontra-se em movimento de aprendizagem.
- A formação no interior da escola deve ser valorizada, pois representa a possibilidade de discussão da realidade concreta da escola e do processo formativo dos professores.
- Práxis Educacional. Transpor os referencias teóricos na prática.
- O professor tem um movimento individual como sujeito de sua aprendizagem, nas isso não basta, é precisa também responsabilizar as políticas educacionais para o que está posto na legislação e concretização na prática.

Professor e sua formação em Educação Especial e Inclusiva

- Apropriação de conhecimentos científicos para planejamento pedagógico específico para cada sujeito, considerando-se as implicações de cada deficiência;
- Diálogo entre o Professor Especializado (PAEE) e o professor da sala comum;
- Formação de Redes de Serviço para o atendimento das necessidades do publico alvo da educação especial, para além do ambiente escolar.

O estágio curricular como possibilidade de apropriação dos aspectos da realidade escolar

- Pedroso (2016) analisou 144 matrizes curriculares. Constatou um baixo número de disciplinas para a Educação Especial;

- Gatti (2000) ausência de formação específica e pouca experiência de ensino fundamental.

Caminhos possíveis

- Pensar a formação do professor para atuar em ambientes pretensamente inclusivos;
- Diálogo entre as áreas que colaboram com o desenvolvimento e a aprendizagem dos sujeitos PAEE, de maneira especial com profissionais da saúde;
- Estágio curricular pode favorecer a apropriação de especificidades para uma formação e experiência docente.

- **Capítulo 4**

O desenho universal para aprendizagem em contextos inclusivos do Ensino Fundamental.

Ticiana Couto Roquejani
Vera Lucia Messias Fialho Capellini
Katia de Abreu Fonseca

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (2008): princípio – uma escola para todos que considera a singularidade de cada estudante.

- Flexibilização Curricular: é a programação das atividades elaboradas para a sala de aula e diz respeito as mudanças de estratégias em âmbito das práticas pedagógicas que não consideram mudanças no planejamento curricular de ensino" (Fonseca, 2011, p.36).
- Flexibilização Curricular é diferente de adaptação focada em um modelo de currículo único.

- Não há adaptações ou adequações aos estudantes PAEE, mas sim uma variação de estratégias pedagógicas de modo que alcance todos os educandos, proporcionando aprendizagem de todos.

- No final do século XX, surgimento do Universal Design for Learning (UDL) ou Desenho Universal para a aprendizagem (DUA).

- Desenho Universal para a aprendizagem – DUA: Conjunto de princípios metodológicos que visa utilizar variados métodos, materiais e avaliações para apresentar as informações e conteúdos de diferentes formas, com o intuito de proporcionar inúmeras possibilidades aos estudantes para expressarem o que eles sabem, além de buscar a motivação para a aprendizagem.
- DUA – currículo de Geografia – conteúdos, situações de aprendizagem e habilidades do currículo do Estado de São Paulo envolvendo a cartografia.

Planejamento de Atividades tendo como fundamento os princípios do DUA:

- Produção do material didático;
- Desenvolvimento passo a passo das atividades das aulas, pensando na diversidade de instrumentos para se demonstrar apenas um conteúdo;
- Processo de avaliação do estudante e das aulas.

Organização das atividades na perspectiva do DUA



Exemplos de estratégias

- Simulações em aplicativos, leitura ou apresentação de histórias ilustradas, músicas, danças, jogos, representações teatrais, utilização de maquetes, aulas-passeio, observação de fotografias, imagens orbitais.

Instrumentos de Avaliação

- Questionários escritos ou orais, participação dos estudantes nos questionamentos realizados em aulas, avaliação do envolvimento, elaboração de desenhos ou textos, pesquisas, respostas em duplas ou em grupo, participação em atividades em grupo.

- **Portanto...**
- **Dificuldades**: falta de materiais e recursos, carência na formação do professor para receber o PAEE, ausência de apoio especializado, ausência de tempo para planejamento, ausência de integração entre o professores do ensino comum e professor Atendimento Educacional Especializado (AEE) e conteúdos desconexos com a realidade dos estudantes.

LACERDA, C. B.; ALBRES, N. A.; DRAGO, S. L. Política para uma educação bilíngue e inclusiva a alunos surdos no município de São Paulo. Educação e Pesquisa: revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, n. 39, p. 65-80, 2013

- Analisar a política para educação de alunos com surdez no município de São Paulo.
- No Brasil, a Lei nº 10.436, de 2002, e o Decreto nº 5.626, de 2005, tratam da língua brasileira de sinais (Libras) e da educação de surdos, indicando a necessidade de formação de futuros profissionais (professor bilíngue, instrutor surdo e intérprete de Libras) cientes da condição linguística diferenciada dos alunos surdos.

- No Município de São Paulo: escolas municipais de educação bilíngue (para alunos surdos) e escolas regulares (que recebem alunos ouvintes e surdos) regulamentadas pelo Decreto nº 52.785, de 2011, que cria escolas municipais de educação bilíngue para surdos (EMEBS) na rede municipal de ensino, e pela Portaria nº 5.707, também de 2011, que regulamenta o referido decreto.

Propostas políticas para a educação de surdos

- “Legislação federal – Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), e Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005) –, o que é importante para nortear o atendimento escolar do aluno surdo com atenção a aspectos da abordagem bilíngue”.
- “A Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002) refere-se ao reconhecimento e à legitimidade da Libras em todos os espaços públicos, e também à obrigatoriedade de seu ensino como parte integrante das diretrizes curriculares nos cursos de formação de educação especial, fonoaudiologia e magistério, em nível médio e superior”.

- “Decreto nº 5.626/05 (BRASIL, 2005) trata sobre educação de surdos, modos de atendimento nos diferentes níveis de ensino e modos de prover acessibilidade linguística a eles, além da inclusão da Libras como disciplina curricular nos cursos de magistério, educação especial, fonoaudiologia, pedagogia e demais licenciaturas”.
- “A difusão da Libras e sinaliza-se o interesse pela formação de futuros profissionais cientes da condição linguística diferenciada dos alunos surdos”.
- “Dispõe sobre a formação do professor bilíngue e do instrutor surdo de Libras; a formação do tradutor e intérprete de Libras/língua portuguesa; e o direito dos surdos de ter acesso às informações em Libras e à educação bilíngue”.

Aspectos teórico-metodológicos que embasam o estudo

- “Na escola, o aluno surdo alcança um nível de desempenho satisfatório quando há preocupação com o resgate de sua história, compreensão de sua singularidade linguística e uma educação que valorize suas capacidades e potencialidades, além de uma atenção às formas de organização social das comunidades surdas e à importância da Libras no processo educativo e nas demais instâncias cotidianas”.

- “Bakhtin (1986), estudioso das questões da língua e da linguagem, também se apoia em uma perspectiva histórico-cultural, afirmando que é a partir do meio ideológico e social que se forma a consciência individual. Assim, a palavra é fundamental na constituição dessa consciência, exercendo a função de signo. Para o autor, o dialogismo ocupa lugar central, pois os processos que envolvem a linguagem são responsáveis pela complexidade da vida humana. De acordo com ele, toda enunciação é um diálogo e, portanto, o enunciado não é algo isolado, mas sim um elo de uma cadeia infinita, num processo de comunicação ininterrupto”.

- “A Libras é uma língua visual-espacial utilizada naturalmente em comunidades surdas brasileiras, permitindo expressar sentimentos, ideias, ações e qualquer conceito e/ou significado para estabelecer interações entre sujeitos. A língua de sinais possui todas as características linguísticas de qualquer língua humana natural. Como as demais línguas orais, ela não é universal; ao longo do território brasileiro, apresenta variações que advêm das características regionais, sociais e culturais de cada lugar. É uma língua autônoma, dotada de gramática específica estruturada nos diversos níveis linguísticos (GESSER, 2009)”.

Análise da política proposta pela rede municipal de educação de São Paulo

- "Em 2005 foi publicado o Decreto Federal nº 5.626 (BRASIL, 2005), no qual foram indicados novos profissionais a serem integrados nas escolas responsáveis pelo atendimento de alunos surdos. Tais profissionais foram definidos como necessários para uma educação bilíngue; são eles: **professor bilíngue, professor e/ou instrutor de Libras e intérprete de Libras".**

- **Professor Bilíngue:**

- Fernandes (2012, p. 105) indica que o professor bilíngue é o “professor com fluência em Libras que desenvolverá o ensino do português escrito com base em metodologias de ensino de segunda língua”.

- **Instrutor de Libras**: A SME/SP indica que a função de instrutor de Libras será preferencialmente destinada aos profissionais surdos, visto que eles são modelo linguístico e de identidade surda, fomentam o uso da Libras em todos os espaços da escola e, por constituírem-se como surdos e por suas trajetórias de vidas, têm condições experienciais e linguísticas de contribuir de forma ímpar para a construção de uma didática bilíngue.
- O instrutor surdo será responsável por realizar atividades de formação em Libras para a comunidade escolar, incluindo aí os pais e familiares dos alunos surdos e ouvintes das turmas em que há alunos surdos incluídos.

- **Interprete de Libras.** “O intérprete é uma figura importante para que os alunos surdos usuários da Libras tenham acesso, nas escolas regulares onde a língua de instrução é o português, não apenas aos conteúdos escolares, mas também a oportunidades de inserção/interação social no espaço escolar. Sua função é viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes, atuando na fronteira entre os sentidos da língua oral (português) e da língua de sinais num processo ativo, dinâmico e dialético. Seu trabalho visa a uma contribuição significativa na melhoria do atendimento escolar, configurando-se como espaço de respeito para com o surdo em sua condição linguística e sociocultural, e propiciando o desenvolvimento e a aquisição de novos conhecimentos de maneira adequada (LACERDA, 2000a, 2000b, 2002)”.

SILVA, J. L.; Pereira, P. C. (Org.) Educação de jovens e adultos: reflexões a partir da prática. Rio de Janeiro: Wak

- **Capítulo 1:**

  Educação de Jovens e Adultos: Contribuições para alfabetização

Jaqueline Luzia da Silva

Refletindo sobre as concepções de alfabetização

- Concepção de Alfabetização como meio de emancipação e de transformação das pessoas e da sociedade.
- Modelo inaugurado na concepção de alfabetização de adultos por Paulo Freire, na década de 60.
- Década de 80 perspectiva psicogenética Emilia Ferreiro: reconhecimento de que é por meio da interação de materiais de leitura reais e com situações concretas de comunicação que se aprende a ler e a escrever.

- Década de 80 – Teoria socio-histórica sobre desenvolvimento humano e aprendizagem de Vygotsky. Ao aprender a usar instrumentos próprios de sua cultura e sistemas linguisticos, as pessoas desenvolvem novas formas de atividades, formando-se continuamente como seres culturais. A cultura tem papel central no desenvolvimento humano.

- Década de 90 – alfabetização na perspectiva do letramento, Magda Soares. Aprendizagem da leitura e escrita ocorre por dois processos:

– Pela aquisição do sistema convencional de escrita , a alfabetização e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita, o letramento.

- “A leitura de mundo, precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. (FREIRE, 1982,p.11).

Alfabetização e Currículo

- Considerar as condições de vida materiais dos educandos;
- Romper com a distância entre a escola e a realidade de vida dos educandos;
- Caráter interdisciplinar e contextualizado;
- Romper com o discurso entre a teoria e a prática e entre o saber sistematizado e o saber de senso comum.

- Miguel Arroyo: conhecimentos “vivos”são os conhecimentos do trabalho, da história, da segregação, da exclusão, da experiência, da cultura e da natureza, conhecimentos coletivos, construídos coletivamente.

- Educadores se questionem sobre o que seus educandos precisam aprender, quais obejtivos trazem para a escola, que contribuições a escola pode lhes dar.

- Afetividade;
- Cuidar da ambientação, organizando espaços para expor lista de palavras, datas e nomes dos educandos, textos trabalhados, alfabetos com varios tipos de letras, embalagem de produtos e outros materiais.
- Gosto pela leitura.

- Capítulo 2

O ato de ler na Educação de Jovens e Adultos

Solange Freitas da Mota

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- **Os sujeitos da EJA**

- Alunos jovens, adultos, idosos, pessoas com necessidades especiais, trabalhadores oriundos de diferentes partes do País e que apresentam uma diversidade de ideias, necessidades, vivências e objetivos.

- **Livro e educação**: A importância do ato de ler – Paulo Freire.
- **A leitura e o prazer de ler.**
- O professor é o referencial de leitura para o aluno.
- Promover oportunidades para que o aluno-leitor tenha contato com diferentes gêneros textuais.
- Alunos da EJA não se percebem como leitores.

- Capítulo 3:

Educação de Jovens e Adultos e a Educação Inclusiva: desafios e possibilidades

Katia Regina das Chagas Moura

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

Sobre a Educação de Jovens e Adultos

- Paulo Freire;
- Constituição Federal de 1988 – direito a educação.
- Diretrizes Curriculares Nacionais – EJA – três funções:

Função reparadora: que resgata o direito a escolarização não consolidada na idade certa.

Função equalizadora: que cuida de pensar politicamente a necessidade de oferta maior de acesso aos jovens e adultos cujos determinantes sociais indiquem menos escolarização.

Função qualificadora: possibilitar o aprender por toda a vida, em processos de educação continuada.

- Declaração Mundial sobre a Educação para todos;

- Declaração de Salamanca; “necessidades educacionais especiais” além das pessoas com deficiência, inclui aqueles que estão com dificuldades temporárias ou permanentes na escola.

Entrelace entre as funções da EJA e da Educação Inclusiva

- Adequação Curricular: Foco na preparação do objeto, de recursos e da metodologia a ser utilizada.

- Observação das necessidades dos estudante.

- Atendimento Educacional Especializado (AEE).

- Capítulo 4:

As Tecnologias da informação e Comunicação (TICs) na Educação de Jovens e Adultos.

Herica Ferreira dos Santos Marinate

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- Acesso as TICs promove a inserção social dos estudantes;
- **Letramento Digital**
- Letramento: entendido como o estado em que o sujeito domina um conjunto de praticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos.
- Letramento Digital: contato com a escrita em ambiente digital, tanto para ler como para escrever, acesso a informação para construção de conhecimentos.

- **A informática na Educação de Jovens e Adultos**
- Conseguir um emprego;
- Ser gente;
- Não depender sempre dos outros;
- Superar dificuldades (passar por catracas eletrônicas, utilização de caixa eletrônico, entre outros.
- “ A utilização do computador em sala de aula configura-se como um recurso valioso para o tratamento da diversidade constitutiva da realidade em que vivemos e para o trabalho com vários letramentos de forma crítica e ativa”.

- Capitulo 5

Educação Física no Ensino Noturno: A construção dos sentidos em jogo.

Giane Moreira dos Santos Pereira

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- Professor – Educação Física tem por objetivo um resgate, resgatar a saúde, a cidadania, o lzar, etc.
- Alunos: Esporte/Diversão/Saúde.
- Desafio: alunos não receptivos a prática da educação física;
- Caminho: conhecer as representações dos sujeitos envolvidos no contexto escolar.

- Capítulo 6

A Educopédia como ferramenta para o processo de ensino aprendizagem na educação de jovens e adultos na cidade do Rio de Janeiro.

Marcia Roberto da Silva

- Ressignificar a unidade entre a aprendizagem e o ensino por meio por meio da criação de novos instrumentos de análise, planejamento e condução da ação educativa;
- As influências sociais somam-se ao processo de aprendizagens (Família, Igreja, Mídias).
- Prioridade a aquisição de conhecimentos.
- Aprendizagem se faz por descobertas, seu foco é a exploração de alternativas e o currículo em espiral.

A EJA e a escola

- Para o trabalhador, a escola é também “o local onde busca o conhecimento para melhor estar no mundo, e melhor compreendê-lo”. (Haddad, 1986,p.26);
- Vontade de interagir com meio social e trabalho;
- Entender as informações veiculadas pela mídia.
- “ ser gente”;
- Formar-se para ensinar os filhos.
- Não depender dos outro;

- **Objetivo da EJA:**

“ a escola deixa de ser apenas um local onde se adquirem os conhecimentos historicamente construídos pelo homem, para tornar-se um lugar de humanização.”

“ a escola não pode se restringir à mera transmissão de conhecimentos, deve auxiliar a aprender a aprender e aprender a pensar”.

Educopédia

- “A Educopédia é uma plataforma *on line* colaborativa de aulas digitais, com material de suporte aos professores, planos de aula, jogos pedagógicos e vídeos, com objetivo de tornar o ensino mais atraente e mobilizador, além de instrumentalizar o professor.”
- Aprendizagem Colaborativa: aprende-se pela troca de ideias e informações, pela discussão, pela crítica, pela colaboração e pelo diálogo.

- Capítulo 7

Conversando sobre o multiculturalismo e a educação matemática na Educação de Jovens e Adultos

Pedro Carlos Pereira

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- “Evitar a pasteurização homogeneizante na escola”;

- “Uma educação multicultural, criativa e inclusiva, no sentido de incluir na sala de aula, o contato, o diálogo, a interação com as contentas”.

- “ Como admitir que a escola não é o lugar, como muitos dizem, onde a criança se prepara para ser alguém na vida, ou para ser gente, ou para se preparar para a vida? *Gente e alguém* todos nós somos, e *a vida já está sendo*, aqui e agora, onde quer que estejamos.”

- “Ser um professor de Matemática multiculturalista é ser um professor que procura questionar os valores e os preconceitos existentes culturalmente em nossa disciplina e nas que estão com elas relacionadas”.
- **Etnomatemática – Ubiratan D’Ambrosio.**
- “É uma área de pesquisa transcultural e transdisciplinar sobre história e epistemologia da Matemática com implicações pedagógicas. Onde os modos, estilos, artes e técnicas desenvolvidas pelos seres humanos, ao longo da evolução da espécie priorizam a reconhecer, ocupar e utilizar o espaço, reconhecendo, comparando e utilizando o tempo que possa incluir as maneiras como os indivíduos avaliam, comparam, medem, classificam, quantificam e inferem.”

- Capítulo 8:

Construindo saberes: A EJA na prisão e as possibilidades de múltiplas aprendizagens

Janaína de Azevedo Corenza
Marcelo Coimbra Biar

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- **Reflexão sobre a Educação Prisional**

– Democratização do acesso a escola;
- Fracasso escolar – Altos índices de evasão e repetência (Magda Soares);
- **Constituição Federal de 1988;**
- LDBEN nº 9394/96 –
- **Plano Nacional de Educação – Lei 10.172/11.**
- **Lei de Execução Penal (LEP) – lei 7210/84 –**
- **Fundamentação em Paulo Freire.**

- As possibilidades de construção de múltiplas aprendizagens
- Diagnóstico: Retrato educacional. Quem são os alunos?
- Como alfabetizar?
- Levantamento de temas que os estudantes pontuaram como interessantes: temas do cotidiano prisional, temas atuais com usos de jornais, revistas e reportagens de televisão e rádios.
- Trabalho com diferentes estratégias para aprendizagem.
- Trabalho com diferentes gêneros textuais e diferentes portadores de texto.

- Capítulo 9

Territorialidade, negritude e cultura imaterial no Brasil: possibilidades de abordagem

Pedro Carlos Pereira
Rafael dos Santos

SINESP
SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO
SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

- Relação entre a etnicidade negra e a cultural imaterial em uma transversalidade com temas que compõe as políticas da vida, o cotidiano e as questões relevantes ao debate educacional contemporâneo, tais como: meio ambiente,direitos humanos, globalização, território, políticas públicas, diversidade, entre outros temas.
- Cultura Imaterial ou Patrimônio Intangível – Reconhecido pela Unesco: – Samba de Roda do recôncavo baiano; – Tambor de Crioula do Maranhão;

- Rio de Janeiro: Bandas de Ipanema e Cordão de Bola Preta.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2000).
- Áreas de proteção do Ambiente Cultural (APACs).
- Direito Ambiental: patrimônio cultural e patri

mônio ambiental.

"Os oxalas, a cultura afro-brasileira, material e imaterial, seja preservada em condições de igualdade com o modelo eurocêntrico".

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011

- **Capitulo 1: Não Há docência sem discência**

- 1.1 – Ensinar exige rigorosidade metódica
- 1.2 – Ensinar exige pesquisa
- 1.3 – Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos
- 1.4 – Ensinar exige criticidade
- 1.5 – Ensinar exige estética e ética
- 1.6 – Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo
- 1.7 – Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação
- 1.8 – Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática
- 1.9 – Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

“

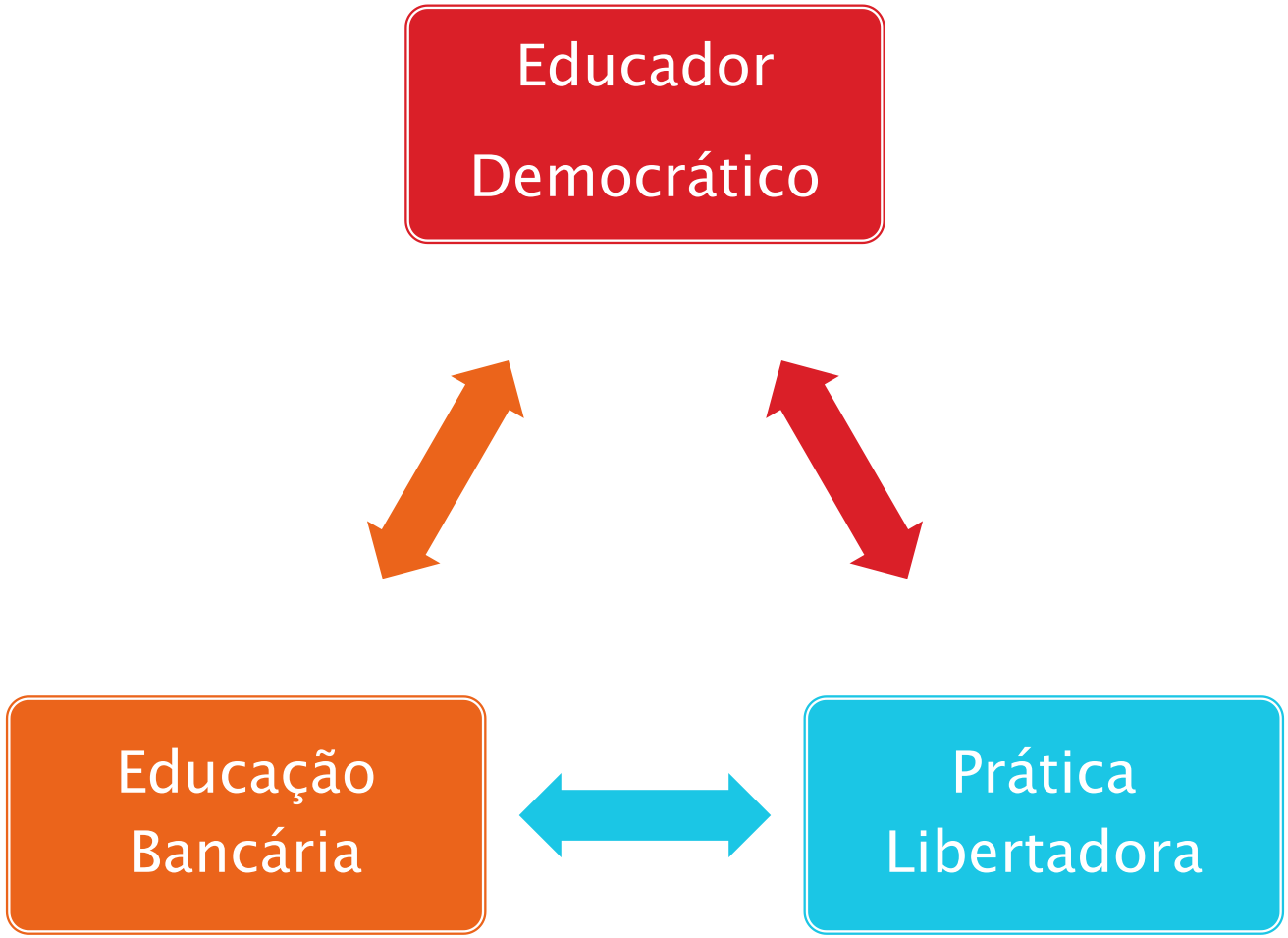
- “O ato de cozinhar, por exemplo, supõe alguns saberes concernentes ao uso do fogão, como acendê – lo,como equilibrar para mais, para menos, a chama, como lidar com certos riscos mesmo remotos de incêndio, como harmonizar os diferentes temperos numa síntese gostosa e atraente. A prática de cozinhar vai preparando o novato, ratificando alguns daqueles saberes, retificando outros, e vai possibilitando que ele vire cozinheiro. A prática de velejar coloca a necessidade de saberes fundantes como o do domínio do barco, das partes que o compõem e da função de cada uma delas, como o conhecimento dos ventos, de sua força, de sua direção, os ventos e as velas, a posição das velas, o papel do motor e da combinação entre motor e velas. Na prática de velejar se confirmam, se modificam ou se ampliam esses saberes”.

- “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto *direto – alguma coisa – e um objeto indireto – a alguém.*”

- “Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz”.

- “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade”.

1.1 – Ensinar exige rigorosidade metódica



Educadores e Educandos Sujeitos

Aquisição de Conhecimentos existentes

Pensar certo

Produção de Conhecimento Novo

Pesquisa

Do-discência

SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

1.2 – Ensinar exige pesquisa

Curiosidade Ingênua

- Senso comum
- Saber cotidiano

Curiosidade Epistemológica

- Curiosidade
- Criticidade

1.3 – Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos



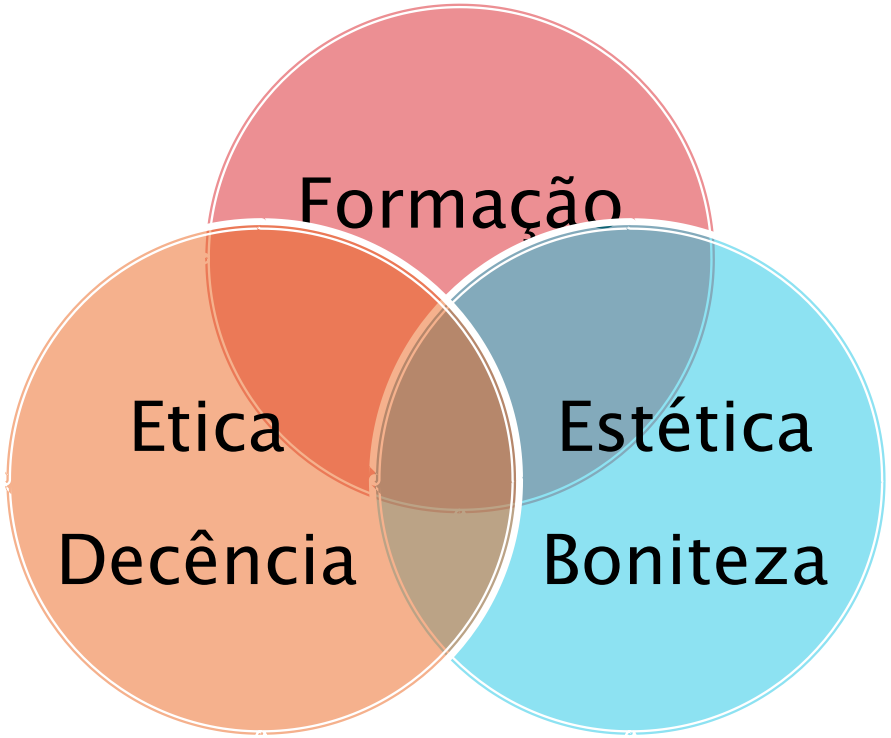
SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

1.4 – Ensinar exige criticidade

- 1.5 – Ensinar exige estética e ética



1.6 – Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo

- Pensar certo é fazer certo;
- Coerência;
- Prática testemunhal;

1.7 – Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação

- Recusa e rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia.

1.8 – Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática

PRÁXIS

- Reflexão crítica
- Mudança
- Curiosidade Epistemológica
- Movimento Dinâmico e Dialético

1.9 – Ensinar exige o reconhecimento e a assunção da identidade cultural

- Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante,transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do *tu, que me faz assumir a radicalidade de* meu *eu.*

Capítulo 2: *Ensinar não é transferir conhecimento*

- "Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento".
- **Viver a humildade, condição "sine qua" do pensar certo**.

2.1 – Ensinar exige consciência do inacabamento

Cultural

Histórico

Inconclusão

Consciente

Relacional

2.2 – Ensinar exige o reconhecimento de ser condicionado

- “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado mas, consciente do inacabamento”;
- “Minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto, mas sujeito também da* História”.
- “programados, mas para, aprender”.

2.3 – Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando

- “Respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”.
- “O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia; o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência”.

2.4 – Ensinar exige bom senso

- É o meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões,orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. É a minha autoridade cumprindo o seu dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade.

2.5 – Ensinar exige humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores

- Como posso respeitar a curiosidade do educando se, carente de humildade e da real compreensão do papel da ignorância na busca do saber, temo revelar o meu desconhecimento?
- Como ser educador, sobretudo numa perspectiva progressista, sem aprender, com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes?
- Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?

2.6 – Ensinar exige apreensão da realidade

- Especificamente humana a educação é gnosiológica, é diretiva, por isso política, é artística e moral, serve-se de meios, de técnicas, envolve frustrações, medos, desejos. Exige de mim, como professor, uma competência geral, um saber de sua natureza e saberes especiais, ligados à minha atividade docente.

2.7 – Ensinar exige alegria e esperança

- “Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos, viver à nossa alegria”.
- “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História”.

2.8 – Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível

- É o saber da História como possibilidade e não como *determinação. O mundo não é. O mundo está sendo.*
- Em favor de que estudo? Em favor de quem? Contra que estudo? Contra quem estudo?
- Para quê? Para quem?

2.9 – Ensinar exige curiosidade

- Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta.
- A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é *dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada,* enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam *epistemologicamente curiosos.*

Capítulo 3
Ensinar é uma especificidade humana

- 3.1 – Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade

- O saber da impossibilidade de desunir o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. De separar prática de teoria, autoridade de liberdade,ignorância de saber, respeito ao professor de respeito aos alunos, ensinar de aprender.

3.2 – Ensinar exige comprometimento

- 3.3 – Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo;

3.4 – Ensinar exige liberdade e autoridade;

3.5 – Ensinar exige tomada consciente de decisões;



3.6 – Ensinar exige saber escutar

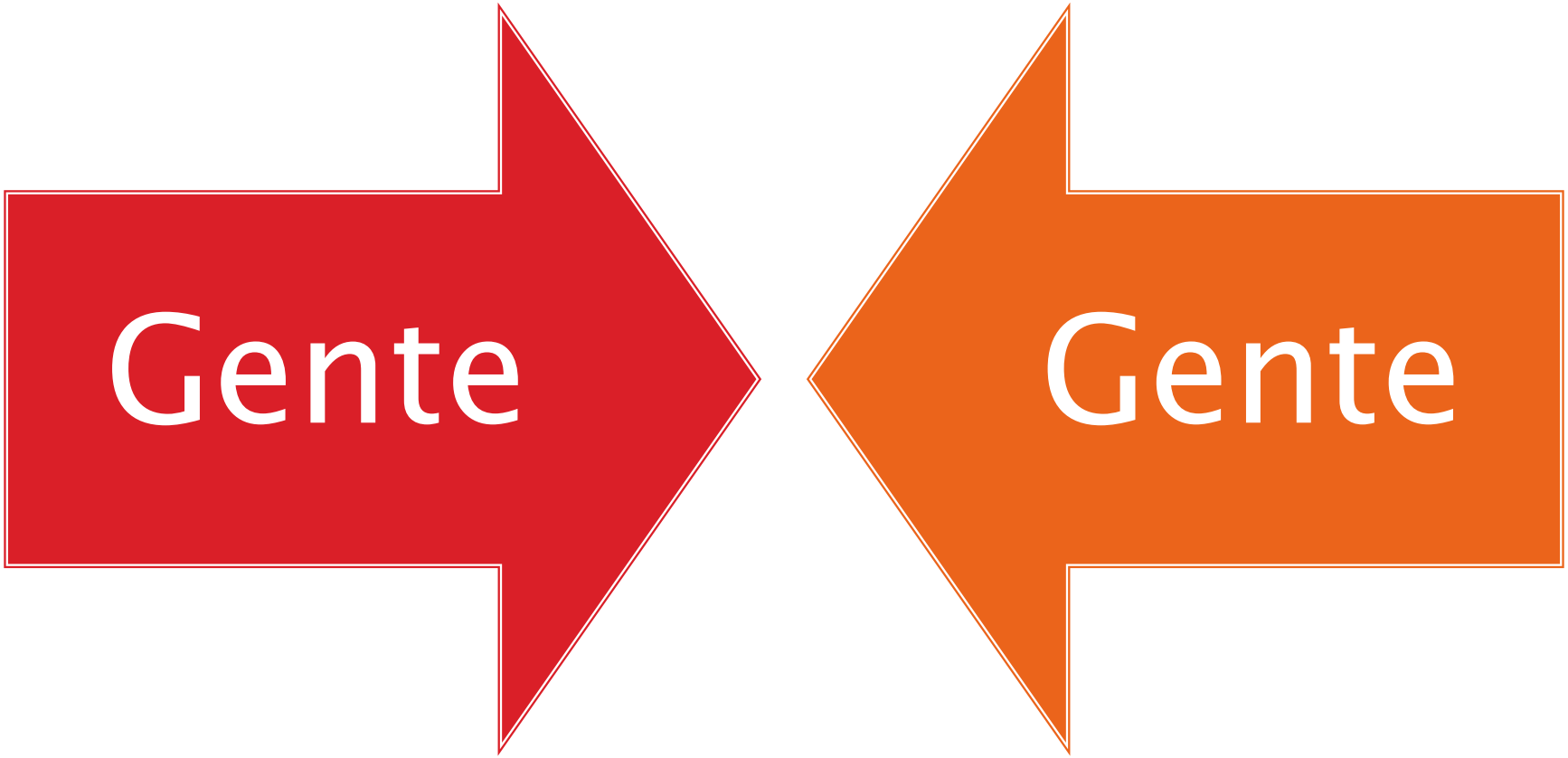
- Princípio do diálogo; ação dialógica;
- Falar com o outro;
- Silencioso e não silenciado; a comunicação é fundamental.
- Avaliação: fundamental no processo educativo, mas não pode silenciar.

3.7 – Ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica

- **3.8 – Ensinar exige disponibilidade para o diálogo.**

Como ensinar, como formar sem estar aberto ao contorno geográfico, social, dos educandos?”

3.9 – Ensinar exige querer bem aos educandos



GATTI, Bernardete A. O professor e a avaliação em sala de aula. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, n. 27, jan./ jun. 2003

- Avaliação educacional na sala de aula como uma das formas de acompanhamento das atividades do aluno com objetivo de promover sua progressão.
- avaliação tem por finalidade acompanhar os processos de aprendizagem escolar, compreender como eles estão se concretizando, oferecer informações relevantes para o próprio desenvolvimento do ensino na sala de aula em seu dia-a-dia, para o planejamento e replanejamento contínuo da atividade de professores e alunos, como para a aferição de graus.

- **O professor, o aluno e a avaliação.**
- “A maioria dos estudos mostra também que alto percentual dos alunos não consegue explicitar os critérios das “notas” que seus professores atribuem”.
- “questões com palavras vagas ou questões excessivamente detalhadas ou complexas levam à confusão e, como resultado, eles, alunos, não podem mostrar o que sabem sobre a matéria, mas sim, quanto eles são bons em tentar compreender – adivinhar o que o professor quer”.

- “Dados obtidos com professores mostram que não há uma maneira universal, única ou melhor para avaliar os alunos em classe. As provas são vistas pelos docentes como um instrumento que “mede” a aprendizagem e são praticamente o único tipo de instrumento de que se valem para a avaliação”.

- “Evidencia-se nas pesquisas, pelas falas dos docentes, que, para cada um deles, seus próprios procedimentos são considerados, em geral, os melhores e mais justos para determinar as notas dos alunos”.

A RESPONSABILIDADE DOS PROFESSORES

- Primeiro, cuidar do que parece óbvio, mas nem sempre é cuidado: preparar bem as provas e os alunos para as realizar;
- Segundo, dar provas com certa freqüência. Um número maior de provas permite uma diminuição da pressão sobre os alunos quanto ao seu desempenho, dado que este é avaliado em um maior número de situações; também oferecem informações mais numerosas e próximas, no tempo, sobre o desenvolvimento do aluno nas matérias, facilitando seu acompanhamento e sua programação pessoal de estudos, bem como de todo o grupo-classe.

- Terceiro, usar a prova corrigida como meio de ensino. É produtivo oferecer aos alunos, o mais cedo possível, os resultados de suas provas,com comentários, dando oportunidade para uma discussão detalhada sobre *por que a questão correta está correta, **quais os principais problemas de*** compreensão sobre a matéria foram encontrados entre os alunos, qual o raciocínio necessário a cada questão.

Fatores que interferem na qualidade da prova (professor)

- *qualidade das questões ou itens;*
- *a extensão da prova deve ser cuidada;*
- *o nível de dificuldade da prova;*
- *forma de atribuir os pontos às questões;*
- *o ambiente onde a prova é realizada;*
- *o estado emocional dos alunos*

Outros fatores importantes:

- dar *instruções bem claras quanto à prova, quanto ao tipo de* questões envolvidas, como organizar ou dar respostas;
- caso as questões forem *impressas, devem estar situadas na página* de modo que sejam facilmente lidas;
- todas as *correções nas questões impressas devem ser feitas antes* de se dar ao aluno o papel de prova;
- a *prova deve conter em primeiro lugar as questões mais simples* de serem respondidas, o que deve encorajar o aluno a prosseguir e diminuir sua tensão.

Avaliação em processo

- 1) centrada em quem aprende – com o foco na observação dos alunos;
- 2) mutuamente benéfica – capaz de ajudar os alunos a aprenderem a se avaliar, bem como ajudar os professores a avaliar tanto a si mesmos como aos alunos;
- 3) formativa – orientada no sentido não de dar notas nem classificar alunos, mas no sentido de determinar quanto eles aprenderam,quais dificuldades e facilidades têm;

- 4) de contexto específico – adaptável a variáveis da classe, tais como o estilo e a experiência do professor, às necessidades de aprendizagem dos alunos e às características de um particular conteúdo;
- 5) em constante andamento – planejada para criar um fluxo de informação constante, como um círculo, no qual os estudantes informam aos professores que por sua vez informam aos alunos;
- 6) com raízes em boas práticas de ensino – aquelas que se reforçam ou refazem com as avaliações procedidas.

Considerações

- “Uma avaliação é um julgamento de valor”;
- “Avaliação em sala de aula é um julgamento para se saber até que ponto alunos atingem objetivos valiosos em aprendizagens diversificadas em relação a um certo conteúdo considerado necessário ao seu desenvolvimento pessoal”;
- “Ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos,embora a maioria não tenha consciência disto ou admita isto. Ensino e aprendizagem são indissociáveis e a avaliação é intrínseca a esse processo”;
- “Melhor indicador da realização de uma atividades de ensino é o nível em que nela, pela ação docente, se promove o crescimento geral dos alunos: cognitivo, afetivo, motor, atitudinal, comunicacional, valorativo, etc”.

FERNANDES, Domingos. Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens. Estudos em Avaliação Educacional, São Paulo, v. 19, n. 41, set./dez. 2008.

- avaliação autêntica; avaliação contextualizada; avaliação formadora; avaliação reguladora; regulação controlada dos processos de aprendizagem e avaliação educativa.

- Avaliação Formativa Alternativa (AFA).

Características

- “1. A avaliação é deliberadamente organizada em estreita relação com um feedback inteligente, diversificado, bem distribuído, frequente e de elevada qualidade tendo em vista apoiar e orientar os alunos no processo de aprendizagem”.
- 2. “O feedback é importante para ativar os processos cognitivos e metacognitivos dos alunos, que, por sua vez, regulam controlam os processos de aprendizagem, assim como para melhorar a sua motivação e autoestima”.

- 3. “A natureza da interação e da comunicação entre professores e alunos é central porque os professores têm que estabelecer *pontes entre o que se considera* ser importante aprender e o complexo mundo dos alunos (por exemplo, o que eles são, o que sabem, como pensam, como aprendem, o que sentem e como sentem)”.
- 4. “Os alunos são deliberada, ativa e sistematicamente envolvidos no processo do ensino-aprendizagem, responsabilizando-se pelas suas aprendizagens e tendo amplas oportunidades para elaborarem as suas respostas e para partilharem o que e como compreenderam”.

- 5. “As tarefas propostas aos alunos que, desejavelmente, são simultaneamente de ensino, de avaliação e de aprendizagem, são criteriosamente selecionadas e diversificadas, representam os domínios estruturantes do currículo e ativam os processos mais complexos do pensamento (por exemplo, analisar, sintetizar, avaliar, relacionar, integrar, selecionar)”.
- 6. “As tarefas refletem uma estreita relação entre as didáticas específicas e a avaliação que tem um papel relevante na regulação dos processos de aprendizagem”.
- 7. “O ambiente de avaliação das salas de aula induz uma cultura positiva de sucesso baseada no princípio de que todos os alunos podem aprender”.

SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!

SUCESSO!

OBRIGADA!

SINESP

SINDICATO DOS ESPECIALISTAS DE EDUCAÇÃO DO ENSINO PÚBLICO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SINDICATO INDEPENDENTE E DE LUTA!